

proa | ensaios
blog | ensaios



> O Círio de Igarapé Grande: exercício de identidade ribeirinha

Inácio dos Santos Saldanha

 <https://orcid.org/0000-0003-2188-9905>

> inaciosants@gmail.com

**Mestrando em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas**

Este ensaio propõe uma conexão entre presente e passado através de uma etnografia realizada na comunidade ribeirinha de Igarapé Grande, nos anos de 2017 e 2018. Igarapé Grande está situada às margens do igarapé Bravo, no interior da ilha de João Pilatos, em Ananindeua, região metropolitana de Belém (Pará). Essa ilha, bem como as suas vizinhas, é pouco conhecida pela população da região metropolitana em território continental, a despeito da riqueza de suas histórias e costumes. Dentre eles, um em particular revela os usos e as significações dos espaços da ilha e da comunidade: o Círio de Nossa Senhora da Conceição, uma romaria religiosa criada em 1986 por Raimundo Nonato Ferreira Pantoja. O evento surgiu como parte de uma profunda reconfiguração nos modos de vida da comunidade quando ele assumiu a diretoria na recém-inaugurada Escola Municipal Ensino Fundamental Domiciano de Farias, construída com o auxílio de um mutirão dos próprios moradores. Foram eles que, insatisfeitos com a planta apresentada pela Prefeitura, ampliaram o prédio e insistiram na homenagem ao nome do primeiro morador do local; logo depois, iniciariam a construção de uma capela. Inspirado no grande Círio de Nossa Senhora de Nazaré realizado em Belém desde o século XVIII, Raimundo propôs a criação de um Círio no interior da comunidade, em que os habitantes optaram por homenagear a mesma santa festejada ali por Domiciano nos primeiros anos do século XX (SALDANHA, 2018).

O evento atravessa as florestas da ilha em uma trilha no segundo domingo de dezembro. Atualmente, a procissão parte da comunidade de João Pilatos de manhã e segue até a comunidade de Igarapé Grande, onde é rezada uma missa. São as fotografias de Raimundo Pantoja que servem de ponto de partida para este ensaio, como registros pessoais das edições do evento entre as décadas de 1980 e 1990. Seus registros expõem a intenção de explorar referências basilares da identidade dos ilhéus por meio de sua religiosidade. Assim, o rio, o trapiche, a trilha e a memória das famílias tornam-se o roteiro da procissão. Logo em seguida, reencontramos o Círio de Igarapé Grande em 2017 através do olhar etnográfico. Chegamos no porto da comunidade, nos de-

paramos com a Capela de Nossa Senhora da Conceição e as primeiras paisagens no caminho rumo à trilha percorrida pelos devotos. Novamente, os espaços estão sendo explorados de maneira a revelar a cosmovisão dos moradores.

A exterioridade das categorias *ribeirinho* e *tradicional*, já apontada anteriormente nessa mesma comunidade por Ravena-Cañete (2017), encobre um hibridismo inconforme que povoados como esse assumem diante da oposição colonial entre moderno e tradicional. De fato, já há algum tempo vem sendo estudado o caráter enviesado e generalizante de termos como *caboclo* (LIMA, 1999), *ribeirinho* (ARENZ, 2000) e *comunidade tradicional* (RAVENA-CAÑETE, RAVENA-CAÑETE, 2010) para populações amazônicas como esta. Aqui, porém, a complexidade dos processos de incorporação da ribeiridade e da tradicionalidade é revelada: longe de assumirem um papel passivo, os moradores negociam e constroem essas identidades até certo ponto, explorando as suas próprias memórias e os seus próprios espaços. Observando os usos estratégicos que a procissão faz e fez dos lugares e de seus sentidos, percebemos o Círio de Igarapé Grande como um processo contundente de produção da identidade.



Figura 1 - O Primeiro Círio, com elementos semelhantes aos de Belém, como a berlinda (que chegou atrasada, por isso vai atrás da imagem), e o braço de cera, agradecimento a uma graça concedida. (PANTOJA, 1986).



Figura 2 - Visitando as casas, a imagem viajava de canoa. O manto azul seria proibido pelos párocos visitantes, que viam nele um sinal de sincretismo com Iemanjá (PANTOJA, década de 1980).



Figura 3 - De forma a consolidar a relação do Círio com os seus atores, os ilhéus ribeirinhos de Ananindeua, foi realizada uma romaria fluvial, que não seria aprovada pela Capitania dos Portos para novas edições (PANTOJA, 1992).



Figura 4 - O Círio segue seu caminho cercado pela cobertura vegetal da ilha amazônica (PANTOJA, década de 1990).



Fotografia 1 - Chegamos à Igarapé Grande de hoje, às margens do igarapé Bravo (O autor, 2017).



Fotografia 2 - A capela de Nossa Senhora da Conceição, uma semana antes da procissão. (O autor, 2017).



Fotografia 3 - A caminho da comunidade de João Pilatos, visita a uma casa. A produção artesanal local, com destaque para um pato confeccionado com um cacho de bacaba (O autor, 2017).



Fotografia 4 - O sistema de trilhas que liga as comunidades no interior da ilha pela floresta úmida no domingo de manhã. São pelo menos vinte minutos de caminhada até a comunidade de João Pilatos, de onde sairá a procissão (O autor, 2017).



Fotografia 5 - O Círio parte de João Pilatos (O autor, 2017).



Fotografia 6 - A procissão segue por um caminho de terra, a participação dos jovens é notável (O autor, 2017).



Fotografia 7 - Em trechos mais estreitos do caminho, a aproximação com a mata é mais evidente (O autor, 2017).



Fotografia 8 - Durante quarenta minutos de percurso, sombra e luminosidade se alternam (O autor, 2017).



Fotografia 9 - A escada foi colocada para facilitar o caminho de pedestres, embora circulem também poucas motocicletas no interior da ilha (O autor, 2017).



Fotografia 10 - Parada em frente à entrada de uma trilha secundária, que leva à casa de uma idosa doente; rezamos por sua saúde (O autor, 2017).



Figura 11 - A comunidade de Igarapé Grande já está próxima, essa seria uma das poucas paradas. Registro do autor (2017).



Fotografia 12 - De luto pela morte recente de seu morador mais velho, Raimundo Farias dos Anjos (o "seu Dico"), então com 96 anos, os moradores o homenageiam queimando fogos ao alcançar um dos espaços mais importantes da comunidade: o campo de futebol (O autor, 2017).



Fotografia 13 - A pequena procissão, enfim, se aproxima da capela de Nossa Senhora da Conceição, agora enfeitada (O autor, 2017).



Fotografia 14 - A berlinda enfeitada entra com a imagem da santa da capela, antes dos fiéis (O autor, 2017).

REFERÊNCIAS

ARENZ, Karl Heinz. **Filhos e Filhas do Beiradão**: A formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia. Santarém: FIT, 2000.

LIMA, Deborah Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, p.5-32, 1999.

RAVENA-CAÑETE, Thales Maximiliano; RAVENA-CAÑETE, Voyner. Populações tradicionais amazônicas: revisando conceitos. **Anais do V ENANPAS**, 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT10-29-1009-20100904055930.pdf>>. Acesso em: 12 de nov. de 2017.

RAVENA-CAÑETE, Thales Maximiliano. **Antropologia de populações, povos e comunidades que jamais foram tradicionais**: experiências junto ao coletivo de humanos e não humanos de Igarapé Grande, Amazônia paraense. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

SALDANHA, Inácio dos Santos. **Viver em Igarapé Grande**: cotidiano e história em narrativas ribeirinhas. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade do Estado do Pará. Belém.

Recebido em 30 de outubro de 2020

Aprovado em 29 de março de 2021